

Conlutas quer derrotar a CUT e o PT



Debate concluiu que Lula e a CUT traíram os trabalhadores



Robaina (ao microfone) e Zé Maria: CUT e UNE "atrelados" ao governo



James Petras: PT virou partido "inescrupuloso"

Fotos: VERIDIANA MELLO

O Fórum Social Mundial também foi usado para discussões paralelas que tinham por objetivo organizar a oposição ao governo petista e à Central Única dos Trabalhadores (CUT). A Coordenação de Lutas (Conlutas), nome já bastante conhecido entre os Servidores Públicos Federais, quer ser o antídoto à atuação do PT e da CUT. A Conlutas tem numa de suas referências o dirigente nacional do PSTU

(Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados), José Maria de Almeida, e pretende ter o apoio dos ex-petistas hoje enfileirados no P-SOL (Partido Socialismo e Liberdade). Este grupo se reuniu durante o FSM no espaço Camisa 10, em frente ao ginásio do Gigantinho. Uma das estrelas dos debates promovidos pelo Conlutas foi o sociólogo norte-americano James Petras.

No mesmo dia em que Lula veio a Porto Alegre, só que na parte da tarde, o Conlutas promoveu o painel "Governo Lula e as perspectivas dos Movimentos Sociais." Petras, o primeiro a falar, fez ataques duríssimos ao governo Lula. Disse ser inaceitável que um dos primeiros gestos de Lula ao ser eleito tenha sido ir a Washington negociar a manutenção da política econômica com o FMI. Para o sociólogo, o PT virou um "partido de arrivistas" (inescrupulosos). James Petras também disse que Lula faz parte de um processo comum de "circulação de líderes que renovam a cara do neoliberalismo latino-americano."

Para José Maria de Almeida (PSTU), a consciência de que Lula não está mais do lado dos trabalhadores se deu na greve dos servidores públicos em 2003, contra a

Reforma da Previdência e, no âmbito dos trabalhadores do setor privado, na greve dos bancários de 2004. Almeida afirma que "a CUT virou instrumento do governo contra os trabalhadores." Roberto Robaina, dirigente do P-SOL, inclui não apenas a CUT, mas também a União Nacional dos Estudantes (UNE) como instrumentos do governo Lula. Entretanto, se há consenso entre esses grupos "esquerdistas" em relação à oposição ao governo Lula, o mesmo não parece estar muito claro em relação ao processo das eleições de 2006. Almeida manifestou preocupação com a notícia de que o P-SOL supostamente estaria pensando em lançar a senadora Heloísa Helena à Presidência com o apoio do PDT. Robaina garantiu que o PDT não faz parte do leque de alianças do P-SOL.

A utopia revisitada



Ignacio Ramonet: "batalhões de Quixotes no FSM"

co), o jornalista Ignacio Ramonet (do jornal francês Le Monde Diplomatique) e o professor e assessor do presidente Lula, Luiz Dulci.

Federico Mayor Zaragoza iniciou dizendo que a utopia é necessária, pois "os realistas jamais mudarão o mundo."

Disse também que a utopia termina quando se uniformiza a diversidade cultural, numa referência crítica ao padrão de globalização instituído no mundo.

Ignácio Ramonet falou sobre os conceitos de Utopia. Segundo ele, enquanto Thomas Moore (autor da obra "Utopia"), antes de Cervantes, apresentava um modelo de sociedade ideal, perfeita, e por isso utópica, o autor de "Dom Quixote" pensava num outro mundo possível, mas sem apresentar uma fórmula pronta. Esta idéia foi exposta como um paralelismo aos objetivos do FSM.



Eduardo Galeano: "o realista também pode ter utopias"

O assessor de Lula, Luiz Dulci, que recebeu muitas vaias, decidiu falar mais sobre a utopia política. Destacou em sua exposição que "não há vida transformadora sem utopia." Mas, para se buscar a utopia, é necessário "incidir na vida social, fazendo a

sociedade avançar." Usando citações, Dulci disse que a utopia significa também "descobrir notícias novas sobre nós mesmos."

O escritor português, José Saramago, iniciou num tom bem-humorado, mas ao mesmo tempo cáustico. "Tenho uma má notícia. Não sou um utopista. Para mim, a utopia é um conceito inútil." O Nobel de Literatura português foi além. Disse que para 5 bilhões de pessoas que vivem na pobreza, no planeta, a palavra utopia também não significa nada. Saramago disse que a ele desagrada o discurso sobre a utopia, sobre o "não-existente". Para



José Saramago: "não sou um utopista. É um conceito inútil"

ele, "vivemos de utopias e mitos", ressaltando a questão da religiosidade. Disse ainda que "o único lugar (tempo) que podemos pensar em transformação é o dia de amanhã que se constrói hoje."

Diferente do tom de Saramago, o escritor Eduardo Galeano foi mais condescendente com as utopias. Segundo ele, a utopia de hoje pode ser a verdade prematura de amanhã. Refletindo sobre um outro debate em que participou, quando foi perguntado sobre "para que serve a utopia?", o escritor disse que a utopia pode servir para que "possamos caminhar".